



## Leitura estendida: uma nova exigência pedagógica

Ângela Marina Bravin dos Santos

Doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ, professora de português da rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, professora de Literatura do Estado do Rio de Janeiro e professora de Linguística da Faculdade Machado de Assis  
bravin.rj@uol.com.br

### *Resumo*

Este texto apresenta uma experiência didático-pedagógica desenvolvida na Escola Municipal Joaquim da Silva Gomes, situada na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Parte-se da hipótese de que nas escolas, sobretudo nas de ensino fundamental, existe a necessidade de acentuar a competência discursiva do aluno, ampliando o diálogo entre autor e as possíveis produções favorecidas pela obra literária, com intermediação do professor, da comunidade escolar e de outras entidades participantes do universo dos estudantes.

### *1. Introdução*

Nenhum texto começa e acaba em si mesmo. Dessa forma, ler vai muito além do simples ato de reconhecer fonemas, morfemas, orações e períodos, mas estende-se ao social, porque cada aluno-leitor está inserido em um meio que lhe oferece recursos para completar o signo verbal com elementos não-verbais que serão mais plenos de significação quanto mais experiências extralinguísticas o educando obtiver. Portanto a relação texto/leitor provoca consequências sociais imprevisíveis.

### *2. Um pouco de teoria*

De acordo com Novaes Coelho<sup>1</sup>, é por meio da ficção que podemos ter a sensação de completude (começo, meio e fim) que não temos nas experiências variadas do dia-a-dia, mas, para tanto, deve-se entender a construção de significados a partir da inter-relação entre um (EU) enunciador e um (TU) interpretante, resultando em efeitos dinâmicos de interação verbal e não-verbal. No trabalho que se desenvolve na escola Municipal Joaquim da Silva

---

<sup>1</sup> Texto de apresentação do livro OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Gomes, concebe-se, justamente, a ideia de que a leitura só se realiza num circuito aberto de significações a depender da experiência extralinguística do leitor.

### ***3. O projeto***

Foi em tal princípio que se baseou o projeto “O texto e a bola”, desenvolvido em duas turmas da 5<sup>a</sup> série, da referida escola. Esse trabalho é consequência da busca incessante por estratégias de leitura com base numa concepção dialógica da linguagem que enfatiza a interação por meio da valorização do trabalho interpretativo do aluno/leitor, visando ao seu desenvolvimento e à sua emancipação como receptor de textos.

A escola constitui-se para muitos educandos no único espaço onde possam se transformar em leitores para exercerem o papel de cidadão, alcançando as habilidades necessárias que os levam “a acessar os bens culturais, integrar-se ao mercado de trabalho e adquirir autonomia política” (PONDÉ, 1995, p. 63). Sem dúvida, por isso, o ambiente escolar tem sua função redimensionada e o professor deve passar de mero apresentador de palavras escritas a negociador de sentidos, porque deve valorizar o significado que o aluno atribui ao texto, o que implica, segundo Pondé, reconhecer e respeitar sua história de vida e seu universo de leitura.

O problema é que o universo dos estudantes oriundos de comunidades extremamente carentes, já frutos de reprovações anteriores, é sempre considerado muito limitado, conseqüentemente limitada torna-se a expectativa de produção de significado dessas crianças. Talvez seja esse o grande entrave para a manifestação de sua fala a partir de um processo de desapropriação e apropriação da fala do outro ou dos outros. Por acreditar na riqueza de experiências dos alunos, propus-me a desenvolver uma didática de leitura que atingisse os seus interesses e suas paixões sem deixar de apostar na contribuição da literatura para superar o silêncio por meio de uma pedagogia lúdica, transformando o texto literário em matriz propulsora de diferentes discursos. Tem-se, pois, a justificativa do projeto: a necessidade de acentuar as potencialidades do aluno/leitor, ampliando o diálogo entre autor e as possíveis produções favorecidas pela obra literária, com intermediação do

professor, da comunidade escolar e de outras entidades participantes do universo dos estudantes.

Sob essa perspectiva, um texto pode ser lido paulatina e comunitariamente, não se fechando em si mesmo nem mantendo a unidirecionalidade autor → leitor, já que a leitura é sempre compartilhada com os elementos envolvidos no processo, num movimento de ir e vir tal como num jogo de futebol em que os jogadores de um mesmo time se transformam em parceiros. Trata-se do que, nesse primeiro momento, chamo de leitura estendida, que, mais adiante, ganhará outra concepção. Essa metáfora do jogo motivou a escolha do livro “Uma História de Futebol”, de José Roberto Torero, cuja história gira em torno da vida de Pelé quando criança. O objetivo principal foi levar os alunos a lerem esse livro de forma estendida, explorando a associação entre imagens do mundo extratexto, bem como o movimento linguístico da narração.

O texto de Torero facilita a compreensão da diferença entre narrador e autor, uma vez que, logo no início da narrativa, fica claro que é Zuza, amigo de Pelé, quem conduz a história, ocorrida em 1950. Essa marcação explícita do tempo mostra que o autor criou um personagem/narrador com características diferentes das suas, já que, nessa época, ele nem era nascido; portanto não poderia narrar a vida de Pelé. Assim, tornou-se mais fácil compreender que quem a conta não é o autor. Isso posto, houve condições para a elaboração de histórias com narradores, cujos perfis destoavam do perfil do aluno.

Como o diagnóstico inicial das turmas revelou desconhecimento das estratégias mais básicas da língua escrita, como a noção de limite de página em um texto em prosa, buscou-se transformar a página do caderno em um campo de futebol, cujos limites devem ser respeitados. O campo ao fundo, ganhando destaque, em primeiro plano, a história produzida. Outra atividade desse tipo foi desenvolvida num desenho de uma bola, dentro da qual os alunos escreveram uma poesia relacionando futebol e sonho. A partir dessas dinâmicas, pude trabalhar a diferença entre texto em prosa e texto em verso.

A escola só dispunha de 20 exemplares do livro escolhido, o que seria motivo para inviabilizar o trabalho, pois o número de livros era bem menor do que o de alunos; porém foi justamente em função desse problema que surgiu a idéia do segundo sentido de leitura estendida: leitura prolongada no tempo. Como não havia livros para todos, estipulei um dia da semana para a leitura de apenas um capítulo da obra. Nesses dias, a turma era dividida

em dois grupos, cada um com 20 crianças, aproximadamente, permitindo, portanto, o acesso de todas os alunos ao livro, que, ao final da aula, era devolvido ao professor. Dessa forma, a história estendeu-se por 3 meses: março, abril e maio de 2006.

Os capítulos foram lidos comunitariamente. Ou seja: professor e estudantes liam o texto intercambiando informações que, a cada aula, eram retomadas para se transformarem em matrizes das atividades didáticas. Além disso, algumas ações do espaço fictício, como a realização de um campeonato, serviram de matrizes para situações concretas do cotidiano escolar: os alunos realizaram um campeonato entre as duas turmas envolvidas no projeto. A fim de intensificar a relação narrativa/realidade, convidei um famoso jogador de futebol para ouvir não só a história de Roberto Torero, mas também as que foram produzidas pelas crianças, estendendo, assim, a leitura até um universo extra-escola.

A avaliação igualmente estendeu-se, quer no tempo, quer no intercâmbio com outras pessoas. O projeto de sala de aula ultrapassou esse espaço e, durante todo o período de sua execução, a comunidade escolar e os pais estiveram cientes do trabalho que se desenvolvia. Os objetivos ficaram muito claros, o que permitiu estendê-los à comunidade escolar, bem como reavaliá-los à medida que o processo se estendia a fim de adaptar as atividades ao seu ritmo.

#### **4. Conclusão**

Esses procedimentos demonstraram que a concepção de leitura estendida não é utópica justamente porque o intercâmbio paulatino entre os diferentes segmentos da escola e da sociedade possibilitou a inserção de elementos avaliativos no decorrer das leituras, implicando mudança positiva, embora sutil, no comportamento dos estudantes, no que se refere ao processo de desapropriação e apropriação da fala do outro ou dos outros.

#### **5. Referências**

PONDÉ, Glória. Estudos da linguagem na educação. *In: CONGRESSO DA ASSEL-RIO, 5.*, Rio de Janeiro, 1995. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

TORERO, José Roberto. *Uma história de futebol*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.